

1

Nassun, em perigo

Hum. Não. Estou a contar mal.

Ao fim e ao cabo, uma pessoa é não só ela própria mas outras também. As relações esculpem a forma final do nosso ser. Eu sou eu — e tu. Damaya era ela própria *mas também* a família que a rejeitou e as pessoas do Fulcro que a esculpiram ao pormenor. Syenite era Alabaster e Innon e as pessoas das pobres Allia e Meov, já destruídas. Agora tu és Tirimo e os que caminham pelas estradas cobertas de cinzas e os teus filhos mortos... e também a filha viva que te resta. Que vais recuperar.

Isto não é um *spoiler*. Afinal, tu és Essun. Já sabias. Não é verdade?

Nassun a seguir, então. Nassun, que só tem oito anos quando o mundo acaba.

Não é possível saber o que lhe terá passado pela cabeça quando, naquela tarde, regressou a casa depois das aulas e encontrou o irmão mais novo morto no chão da sala de estar, com o pai de pé ao lado, observando-o. Podemos imaginar o que pensou, o que sentiu e o que fez. Mas não *saberemos* com certeza. Ainda bem, se calhar.

Aqui está o que sei ao certo: as aulas de que falei? Nassun preparava-se para ser especialista em sabedoria.

O Sossego tem uma relação estranha com os que se autoneameiam guardadores da sabedoria das pedras. Os registos da existência de especialistas em sabedoria recuam até à discutidíssima Estação da Casca de Ovo. Trata-se de uma Estação em que, devido a algum tipo de emissão gasosa, durante vários anos todas as crianças das Árticas nas-

ceram com ossos delicados que se quebravam com um só toque e se curvavam à medida que elas cresciam — se crescessem. (Os arqueólogos de Yumenes discutem há séculos se isto poderia ter sido causado por estrôncio ou arsênico, e também se esta época deve sequer ser considerada uma Estação, tendo em conta que afetou apenas umas poucas centenas de milhares de bárbaros fracos e pálidos na tundra do Norte. Foi *nesta altura*, no entanto, que os povos das Árticas ganharam a reputação de serem fracos.) Há cerca de 25 000 anos, de acordo com os próprios especialistas em sabedoria — embora a maior parte das pessoas pense que se trata de uma mentira flagrante. Na verdade, os especialistas em sabedoria são um elemento ainda mais antigo da vida no Sossego. Há 25 000 anos, no entanto, deu-se simplesmente o caso de o papel que desempenham ter sido distorcido praticamente até à completa inutilidade.

Ainda andam por aí, apesar de já terem esquecido o quanto esqueceram. De algum modo, a sua ordem, se lhe podemos chamar assim, sobrevive, apesar de todas as universidades da Primeira à Sétima terem desvalorizado o seu legado como apócrifo e provavelmente pouco fidedigno, e ainda que os governos de todas as eras tenham denegrido com propaganda o conhecimento que defendem. E também apesar das Estações, claro. Dantes os especialistas em sabedoria provinham de uma única raça, chamada Regwo — habitantes das Costeiras Ocidentais, com pele macilenta e avermelhada e lábios naturalmente negros, que veneravam a preservação da história do mesmo modo que outros, em tempos menos amargos, veneraram os deuses. Costumavam gravar inscrições de sabedoria das pedras nas encostas, em placas que chegavam ao céu, para que todos vissem e conhecessem a sabedoria necessária à sobrevivência. Infelizmente, no Sossego, destruir montanhas é tão fácil como uma criança orogena que começa a andar fazer uma birra. E destruir um povo não exige muito mais esforço.

Portanto, os especialistas em sabedoria já não são regwos; ainda assim, a maioria pinta os lábios de preto em memória deles. Não que ainda se lembrem da razão para isso. Tornou-se apenas um dos traços distintivos dos especialistas em sabedoria — além do maço de tábuas de polímeros com que costumam andar, das roupas gastas que habitualmente usam e do facto de, em geral, não terem apelidos de comu verdadeiros. Não são sem-comunidade, note-se. Teoricamente, poderiam regressar às comus de origem em caso de Estação, mas a profis-

são costuma levá-los tão longe, que regressar seria pouco prático. Na prática, muitas comunidades os acolherão, mesmo durante uma Estação, porque, durante aquelas noites longas e frias, até a comunidade mais estoica precisa de distrações. Por esta razão, a maioria dos especialistas em sabedoria tem formação artística — em música, comédia e afins. Além disso, trabalham como professores e cuidadores dos mais jovens quando mais ninguém pode desempenhar essa função; ainda mais importante, são a prova viva de que, ao longo dos tempos, outros houve que sobreviveram a pior. Todas as comus ganham com isto.

A especialista em sabedoria que está em Tirimo chama-se Renthree Especialista Pedra. (Todos os especialistas adotam Pedra como apelido de comu, além do apelido de uso Especialista, uma das castas de uso mais raras.) Não se pode dizer que ela seja importante, mas há uma razão pela qual convém conhecê-la. Já se chamou Renthree Procriadora Tenteek — antes de se apaixonar por uma especialista em sabedoria que, numa visita a Tenteek, seduziu a então jovem mulher, impedindo-a de passar uma vida aborrecida a trabalhar na vidraria. Este modo de vida teria sido ligeiramente mais interessante se tivesse ocorrido uma Estação antes de ela partir, visto que nessas ocasiões os Procriadores têm de assumir as suas responsabilidades — e talvez também isso a tenha incentivado a ir-se embora. Ou terá sido apenas a insensatez habitual do amor jovem? É difícil dizer. A especialista em sabedoria acabou por abandonar Renthree nos arredores da cidade equatorial de Penphen, de coração partido e com uma cabeça cheia de sabedoria, além de uma bolsa repleta de jades lascados, cabochões e um losango de madrepérola manchado. Renthree recorreu à madrepérola para encomendar um conjunto de tábuas a um artesão de pedra e usou as lascas de jade para comprar mantimentos para a viagem e para pagar a estadia numa pousada durante os dias necessários para o artesão terminar as tábuas; por sua vez, os cabochões asseguraram muitas bebidas fortes na taberna. Depois, munida de novo equipamento e com as feridas a sarar, partiu sozinha. É assim que a profissão se perpetua.

Quando Nassun aparece no sítio onde ela temporariamente se estabeleceu, é possível que Renthree se recorde dos seus próprios tempos de aprendizagem. (Mas sem pensar na parte da sedução; obviamente, Renthree gosta de mulheres mais velhas — ênfase nas mulheres. Nassun recorda-lhe os seus próprios sonhos insensatos.) No dia anterior, Renthree passou por Tirimo, fez compras nas bancas do mercado e sorriu

alegremente com os lábios pintados de negro para publicitar a sua presença na zona. Não percebeu que Nassun, regressando da creche, parou para a olhar com admiração e uma súbita esperança irracional.

Hoje Nassun faltou à creche para a procurar e lhe dar uma oferenda. Faz parte da tradição — a prenda, não as filhas dos professores faltarem à creche. Dois adultos da cidade já estão lá, sentados num banco para ouvirem Renthree falar, e a taça para as ofertas já está cheia de esquirolas coloridas, facetadas com o cunho do quadrante. Quando vê Nassun, Renthree pestaneja com surpresa: uma rapariga desengonçada, mais pernas do que tronco, mais olhos do que cara, e claramente demasiado jovem para ter saído da creche tão cedo fora da época das colheitas.

Nassun pára no limiar, ofegante, tentando recuperar o fôlego, o que dá dramatismo à sua entrada. Com ar espantado, os outros dois visitantes viram-se para olhar para ela — a filha mais velha de Jija, normalmente sossegada; só a presença deles impede Nassun de anunciar logo ali as suas intenções. A mãe ensinou-a a ser circunspecta. (Vão contar à mãe que faltou à creche. Nassun não se importa.) Engole em seco, contudo, dirigindo-se imediatamente a Renthree para lhe entregar uma coisa: um fragmento de rocha escura com um diamante pequeno, quase cúbico, embutido.

Nassun não tem dinheiro além da mesada, percebem? Quando se soube que uma especialista em sabedoria estava na povoação, já tinha gastado a mesada em livros e guloseimas. Mas ninguém em Tirimo sabe da existência daquela mina de diamantes potencialmente extraordinária na região — isto é, ninguém a não ser os orogenos. E mesmo esses só se procurarem bem. Em vários milhares de anos, Nassun foi a única que se deu ao trabalho. Ela sabe que não devia ter trazido este diamante. A mãe ensinou-a a esconder a orogenia fora das sessões de treino que decorrem com todo o cuidado e em segredo num vale próximo, com intervalos de várias semanas. Os diamantes não costumam ser usados como moeda pelo facto de não poderem ser fragmentados com facilidade, mas continuam a ser úteis na indústria, nas minas e afins. Nassun sabe que aquilo tem algum valor, mas não faz ideia de que a pedra bonita que acabou de dar a Renthree poderia comprar uma ou duas casas. Só tem oito anos.

Fica tão empolgada quando vê os olhos de Renthree dilatarem-se perante a pedra brilhante que sobressai da pedra negra, que, sem se

preocupar com os outros, declara: “Eu também quero ser especialista em sabedoria!”

Claro que Nassun não faz ideia do que um especialista em sabedoria faz na realidade. Só sabe que quer muito sair de Tirimo.

Mais sobre isto mais tarde.

Renthree seria louca se recusasse a oferta — e não o faz. Mas não responde logo a Nassun, em parte tanto por achar que ela é amorosa como por perceber que esta declaração poderia ser feita por qualquer outra criança com uma paixão temporária. (Tem razão, até certo ponto; no mês anterior Nassun queria ser genheira.) Em vez disso, convida-a a sentar-se e depois conta histórias às poucas pessoas do público durante o resto da tarde, até o sol lançar sombras longas pela encosta do vale e através das árvores. Quando os outros dois visitantes se levantam para ir para casa, olham para Nassun e lançam indiretas, até ela, com relutância, se juntar a eles, porque o povo de Tirimo não quer que se diga que desrespeitaram uma especialista em sabedoria deixando com ela uma criança que a obrigou a falar durante toda a noite.

Depois da saída das visitas, Renthree atiza o fogo e começa a fazer o jantar com o toucinho, os legumes e a farinha de milho que comprou em Tirimo no dia anterior. Enquanto espera que o jantar cozinhe e come uma maçã, revira a pedra de Nassun entre os dedos, fascinada. E incomodada também.

De manhã, dirige-se a Tirimo. Depois de algumas perguntas discretas, chega a casa de Nassun. Essun já não está, foi dar a última aula da sua carreira de professora da creche. Também Nassun já foi para a creche, apesar de esperar apenas o momento certo para sair à hora do almoço, para poder falar outra vez com a especialista em sabedoria. Jija está na “oficina”, como chama à divisão recuada que funciona como cave, onde durante o dia trabalha por encomenda com as suas ferramentas ruidosas. Uche dorme numa caminha na mesma divisão. Nada o acorda. Para ele, as canções da terra sempre foram canções de embalar.

Quando Renthree bate, Jija vai abrir a porta; por um instante, a especialista fica um pouco surpreendida. Tal como Essun, Jija é um mestiço das Medlats, embora com uma aparência mais próxima da dos habitantes de Sanze; é grande, castanho, cheio de músculos, com a cabeça rapada. Intimida. Contudo, o sorriso de boas-vindas é total-